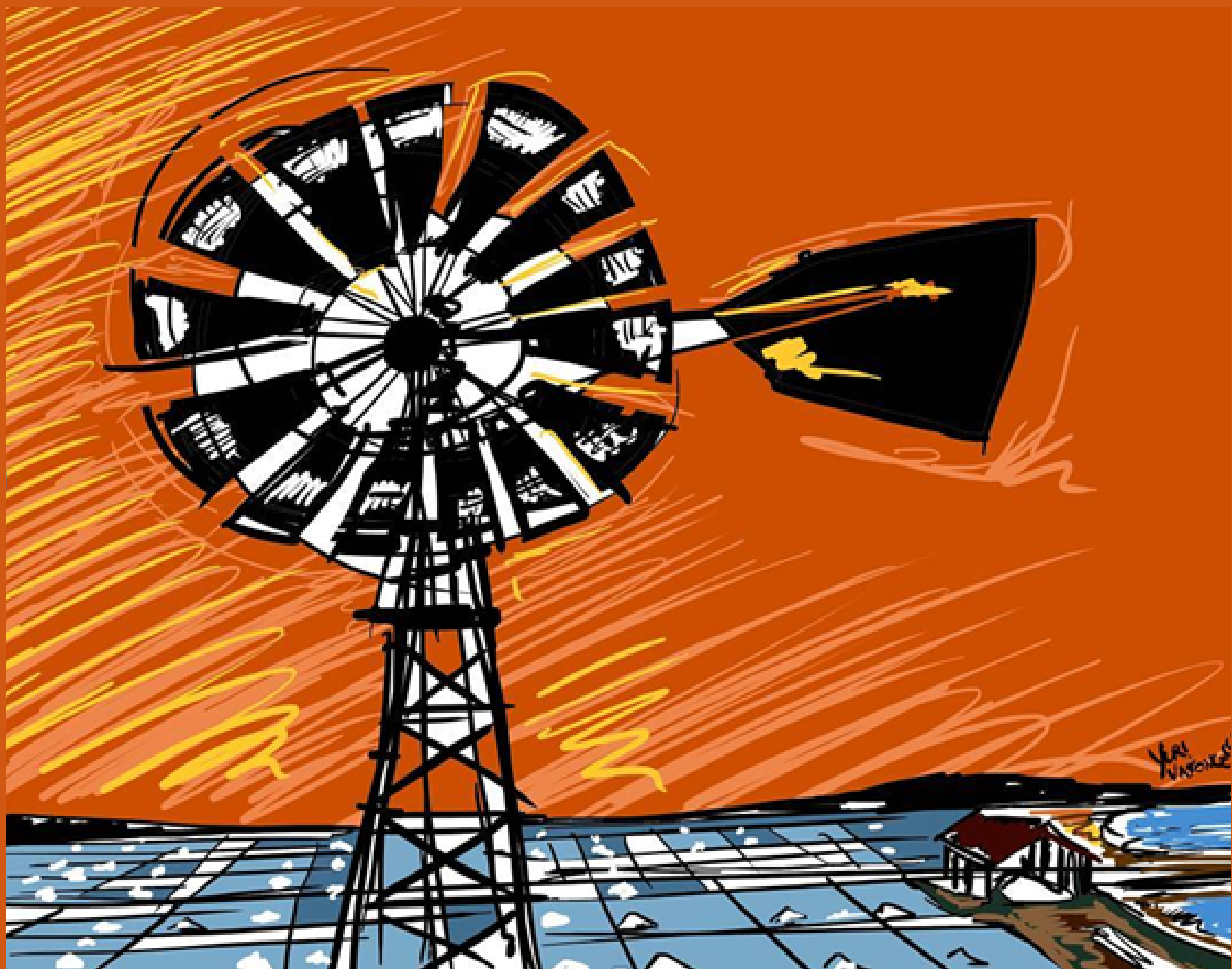


Poesia Queimada de Sal

Henrique Selani Silva



SUMÁRIO

| | |
|---|---------------|
| PREFÁCIO | PÁG 02 |
| PEQUENA CONFISSÃO | PÁG 04 |
| O QUE FAZER? (06/02/16) | PÁG 06 |
| PROFISSÃO DE FÉ (13/02/16) | PÁG 08 |
| PRAIA DO FORTE (18/02/16) | PÁG 10 |
| TRANSFIGURAÇÃO (13/03/16) | PÁG 14 |
| A FÍSICA DA PAIXÃO (16/02/16) | PÁG 17 |
| CHAMAMENTO DA MUSA (04/04/2016) | PÁG 19 |
| PERDIDO DE VOLTA (10/04/16) | PÁG 23 |
| RELIGIOSIDADE (25/04/16) | PÁG 28 |
| DEBATE JOVEM, DEBATEI!(28/04/16) | PÁG 30 |
| DESEJO DE REALIDADE (30/04/16) | PÁG 32 |
| DIVA (03/05/16) | PÁG 37 |
| SOLIDÃO (07/05/16) | PÁG 38 |
| UMA HISTÓRIA SOBRE O MISTÉRIO (18/07/2016) | PÁG 42 |
| POLISSEMIA AMOROSA (12/08/16) | PÁG 43 |
| POP-IMPÉRIO (13/08/16) | PÁG 44 |
| DESABAFO (18/08/16) | PÁG 47 |
| ESCULÁPIO (16/08/16) | PÁG 50 |
| O SEGREDO DO VENTILADOR (05/10/16) | PÁG 52 |
| A VEZ DO VINGADOR MASCARADO (10/10/16) | PÁG 55 |
| TRILOGIA GUERREIRA (14/10/16) | PÁG 59 |
| SOBRE O AUTOR | PÁG 67 |

Prefácio

Henrique Selani Silva é uma das poucas pessoas que conheço, que domina diversos fazeres do pensamento humano: Professor de física, entusiasta da filosofia e, também, uma doce alma da arte.

Suas palestras e vivências oferecem uma gama de possibilidades, através de uma oratória sofisticada e acessível para jovens e adultos.

Como professor de física, no IFF (Instituto Federal Fluminense), goza de notória admiração de seus alunos que não cansam de elogiar sua forma disruptiva de ensinar.

Por volta de 2016, ele apareceu com uma produção de poemas que causaram sensação em seu meio de convivência, Sua poesia é densa, sua intensidade nos faz respirar o ar de sua profunda empatia com os "desajustados" do mundo que vivemos, como nestes versos que abrem o poema "A volta do vingador mascarado".

*"Sou aquele da flauta quebrada.
Aquele vítima do próprio assalto.
Aquele descalço a andar no asfalto
Em um dia quente."*

No poema "Polissemia amorosa" os versos chamam a atenção por suas metáforas que transcendem a questão do amor, *como este "Canto teu nome / Por todos os cantos..."*.

E no poema "Desejo de realidade" uma força intraduzível, salta para o coração do leitor, como uma chuva de ternura, não sem uma dose de existencialismo.

*"O lúdico, jogue fora.
Não precisará mais dele...
Encha as mãos de verdades,
De regras e de cultos. "*

Henrique Selani usa e abusa de metáforas e forte conteúdo referencial, como no poema "Esculápio" onde o professor de física e entusiasta da filosofia, mergulha na profunda arte da palhaçaria, criando sua persona a partir de referências vividas na oficina e aprendizado de técnicas referentes à arte do picadeiro.

A poesia de Henrique Selani é um sopro do coração do poeta em busca da essência do leitor, Henrique, compartilha seu pluriverso interno com a materialidade de um mundo que nos transforma. Sua poesia não é pura transgressão e desafio.

Jiddu Saldanha - Poeta e Ator.

“... Os anos em que minha vitalidade foi mais débil, foram os anos em que deixei de ser pessimista: o instinto de autorrestabelecimento me proibiu uma filosofia da miséria e do desânimo e é nisso que se reconhece, no fundo, que a vida-que-deu-certo! No fato de um homem bem educado fazer bem aos nossos sentidos... Ele não acredita nem no “infortúnio” nem na “culpa”... Ele sabe esquecer. Ele é forte o suficiente a ponto de fazer com que tudo tenha de vir para o seu bem. Vá lá, eu sou a antítese de um doente: pois acabei de descrever a mim mesmo!”

Nietzsche – Por que sou tão sábio - Ecce Homo



Pequena confissão

“Sua obra vem da dor”, falou comigo minha psiquiatra, em 2021, ao ler a versão não comentada deste livro. “Espero que um dia você não precise mais da dor como um estímulo para escrever”, ela continuou...

Os poemas aqui reunidos foram todos escritos em 2016, um momento marcante em minha vida. Morava sozinho em Cabo Frio – RJ e trabalhava como professor de física no Instituto Federal desta cidade. Sobre isto, a solidão e a física, algumas palavras.

A solidão determinou minha jornada naquela cidade. Não consegui encontrar nenhuma companheira, apesar de ter tentado bastante. Este fato, penso, está bem marcado nos versos aqui retratados. O que fazer com a solidão enorme que me esmagava e com a dor desta opressão? Poesia! Foi a solução que eu encontrei, muito ao estilo da negativa título do livro do Rúbem Alves “Ostra feliz não faz pérola”. Os textos escritos funcionaram como uma espécie de diário poético que me ajudou a atravessar aquele ano difícil mas, perolado.

Os textos estão povoados por breves comentários, a maioria, escritos neste ano de 2021 na cidade de Juiz de Fora, onde tenho residência atualmente. Este é um segundo diário que, tenta jogar uma luz, anos depois, sobre o primeiro.

A física é uma ciência poderosíssima em termos de possibilidade de conhecimento do mundo que nos cerca e de transformação social. É a mãe das ditas "hard sciences". Como não ficar maravilhado com gigantes da envergadura de Kepler, Galileu, Newton e Einstein? Mas um curso de exatas, para mim, foi uma experiência muito dura. Por quê fiz, então, um curso de exatas?

Vim a descobrir o motivo da escolha só recentemente, lendo um mapa astral, desses que você compra da internet. Acontece que o destino, inexorável, me fez nascer sob o signo de Escorpião e sob o ascendente de Capricórnio. Ambos, o aracnídeo e a cabra montesa, são caminhantes de sendas difíceis, escapardas e pedregosas. “Cuidado para não ficar viciado em coisas difíceis” vaticinava o oráculo astral que estava contido num frio banco de dados de um site da web. Eu, que tinha sido religioso grande parte da minha vida, nunca li nos livros sagrados uma frase que me proporcionou um alto conhecimento tão grande como este.

Hoje considero que, escolhi o que escolhi pois era o mais difícil para mim, e eu precisava provar com isto alguma coisa para alguém que eu não sei bem quem é até hoje. Mas um aluno, de quem me tornei amigo, me disse uma vez, “você é um daqueles caras que, se fosse correr uma maratona, faria um corte na perna pois você tem na dor um estímulo e uma aliada”. De fato, eu flertava com a dor. Quanto mais intensa, mais energia cinética, para pegarmos um termo da física. E mais do que flertar com a dor, eu encenava meu próprio espetáculo. Outro amigo me disse certa vez, “você é o ser trágico, sofredor por um lado, mas um herói mitológico por outro, de uma peça que você cria, produz e encena e você se enfurece com as pessoas que percebem isto e tentam tirá-lo deste lugar, deste triste papel”. Acontece que o papel é triste, mas é um papel ou seja, é dotado de um sentido existencial.

Hoje dou palavras belas às minhas dores e contradições, processo que começou em 2016. Depois de encontrar minha voz interna, a solidão (continuo solteiro até hoje) já é uma coisa suportável. Afinal de contas, antes de sermos boa companhia para os outros, temos de ser boa companhia para nós mesmos. Na vida profissional, uma mudança. Procurei uma segunda formação em filosofia e tento, agora, cozinhar num louco rocambole, ciência, filosofia e literatura.

Henrique Selani Silva



|
O que fazer?
06/02/16

Este primeiro poema é fruto de uma febre de Zika. É o pingo de um carnaval não vivido. No entanto, a convalescença permitiu ver-me por dentro. Se por fora a paisagem era de festa colorida, por dentro a coisa era mais lúgubre. Era como uma árvore esquecida e distante. Como uma nuvem negra e pesada.

Mas há momentos em que a febre, o delírio e o desgosto com a vida abrem-nos uma janela de clarividência! E meninos, eu vi! Estava tudo lá! Plantada e amadurecida dentro de mim esta grande árvore-núvem, preta de paradoxais rebentos luminosos, posto que eram filhos de tempos de abandono e de sombras...

Este poema foi seu primeiro fruto-pingo. Negro e choroso devo-o confessar, mas cheio de caldo. Ele abriu em grande estilo minha temporada produtiva e chuvosa e esta árvore-nuvem cresceu por todo o ano de 2016...



O que fazer quando a vida não tem gosto?
Quando do teu mosto vives a tirar vinagre
E por lugar de rosto,
já te esbugalham olhos de bagre.

O que fazer quando a vida
Vive a te dar porrada...
Quando se levanta, só pra se cair da escada
Mais uma vez.

Quando a oportunidade é perdida
E mesmo se fossem três,
Tu vais levando mais uma mordida
De uma sina que não te explica nada!

O que fazer quando tu és o que fica pra trás.
E na festa dos males
Sempre cabe uma Zika a mais
A te agarrar o corpo com dedos moles...

O que fazer quando a vida não te pede permissão?
E já te enfia goela adentro mais um não,
Sem aviso prévio,
E teu desejo, mendigo, passa mal...

O que fazer quando a vida não tem sal?
Quando de cinza está pintado
O teu céu.
E na caixa do correio o papel timbrado
Revela...
Aumentaram de novo o aluguel.

Xingue, chore, geme!

Acende mais uma vela
Ao santo do leme
Da tua caravela,
Que nunca vem.

Ou toma a consciência
De que neste Trem
Chamado Vida,
Só se embarca com a paciência
Que não se tem...

Só te resta uma coisa.

Transformar em poesia
A confusão e o horror
Desta vertiginosa
Sinestesia,
Daqui do baixo ventre.

Cante, cante e cante...

E mesmo que rilhando os dentes
Em mais um dos círculos do Inferno
De Dante,

Quem sabe o nono...

Descobrirás
Que o dom eterno
Que tens e de que és dono,

É a capacidade imensa de continuar...





Profissão de fé

13/02/16

“Invejo o ourives quando escrevo...”, palavras da profissão de fé de Bilac. Este poema dele marcou-me bastante e acho que um poeta deve dizer mesmo a que veio, por que escreve. Fiz aqui, ao meu modo, a minha profissão de fé.



Não tenho formação de poeta.
Os versos que cuspo,
Respeitam nenhuma métrica
E por cima do busto
De mármore da palavra,
Não uso cinzel.

Escrevo como quem lavra,
Repetidamente...

A terra do coração,
A massa cinza da mente,
Em busca de algum grão
De alguma semente
Que possa germinar.

Áh...
É salgada demais
A água do meu mar.

E a Vida bate com força!

Não respeita rapaz
Não respeita moça.
Escreve a história de todos
Num livro de coices!
Alguns tira antes da hora
Com sua foice.
Outros deixa no trem
Da demora.
Na espera de um dia
Que nunca vem.

Escrevo...
Porque a Vida
Dói pra caralho!

E sem aviso
Um crupiê sinistro
Já me tira cartas do baralho,
Que aliso para dar sorte...

Neste truco
Preciso de um Zap.

Do outro lado
Joga um "turco"
Esburacado
Que, me quer tudo
Levar.

"Não tenho nada
Chefe."
(Penso quando vejo minhas
Cartas).

Mas olho pra ele
Com olhos de faca
E peço truco!

Blêfe,
Hahaha...

Escrevo como quem blefa.
Não vejo a poesia como tarefa,
Mas como arte
De enganar
A morte,
Que,
Sempre vence
No final.

Mas a poesia
Meus irmãos,

- Seja ela qual for -
Clandestina, marginal.

Nos alivia um pouco a dor.
Nos retira um pouco o mal.





Praia do Forte

18/02/16

“Eu fui o primeiro a perceber a verdadeira antítese: o instinto degenerado que, se volta contra a vida com uma fúria vingativa subterrânea... É uma fórmula mais alta de afirmação, nascida da abundância, da superabundância, um dizer-sim sem reservas até mesmo para o sofrimento... para tudo o que é discutível e estranho na própria existência... Para compreender isto é preciso ter coragem e a condição para que ela exista: Um excedente de forças – pois precisamente tão longe quanto a coragem pode ousar adiantar-se, é o que determina a medida das forças com as quais a gente se aproxima da verdade. O discernimento, o dizer-sim à realidade é, para o forte, uma necessidade tão grande quanto a covardia e a fuga da realidade – o “ideal” – o é para o fraco, subjugado sob a inspiração da fraqueza... Os fracos tem necessidade da mentira; a mentira é uma das condições de sua conservação...” Nietzsche - O Nascimento da Tragédia, capítulo 2.

O “forte” e o “fraco” são termos recorrentes na filosofia nietzschiana. E porquê não encontrá-lo na praia do forte, Cabo Frio? Eis a cena deste encontro...



Desafiando a morte
A cada segundo,
Cá estou a andar
Nú,
Na praia do Forte.

Perdido no meio do mundo.
Abandonado pela própria sorte
De ver realizar meu desejo:

Adormecer todos os dias
Sob o afago dos teus beijos.

Caminho só.
O tempo anda como eu,
Fechado.
E o vento castiga sem dó
O mar que se agiganta.

Gritar já não adianta,
Pois quem grita aqui
É o Mundo!
E mesmo com voz de mudo,
Me diz:

“Não corro debaixo do teu nariz.
Não giro para te fazer bem,
Óh infeliz.
Não tenho como centro
A vontade de ninguém.
Nem a tua, por certo.”

E no meio desta grande cena,
Uma silhueta esguia
Se mexe e me acena,
Enquanto o vento assubia.

É um homem de bigode,
Um qualquer Zaratustra.
Nas mãos traz
Uma máscara de Bode,
Que ele lustra
Com o paletó.

E no próximo instante,
Com o couro na cara,
Já está a me apertar a garganta
Com os dedos em nó.
Peço socorro
Enquanto me agarra,
Mas de nada adianta.

Mais uma vez
A Natureza se dirige a mim.
Só que agora
Com voz de caprino:

“Me escuta, Menino...

Olha para trás.
Repara no rastro do caminho
Que te trouxe até aqui.

A travessia se configura
No ato mesmo de atravessar...
E cada pegada tua
Deixa sua única marca,
Só para ser
Lavada pelo mar.

Me escuta, Jovem...

É preciso saber esquecer.
A solidão, a saudade,
A desgraça.
Deixa o passado passar
Que ele passa.
E abra o peito
Para um futuro de novidade.

Me escuta, homem...

Olha para as ondas do mar.
Elas não sabem o que é teleologia.
Não mensuram nenhuma cronologia,
Mas continuam a dançar!
Sempre em ressonância,
Sem outra finalidade
Que a própria dança.”

E Dionísio me agita...
E Dionísio me sacode...

Quando dou por mim,
Já estamos no pedaço
Chamado Foguete.

E depois de apanhar
Pra cacete,
Minha alma que era de aço
E de cicatrizes,
Já se assemelha
A esta areia que piso,
Que a Vida
Com um sorriso,
Tritura...

Só, que areia fina
Compactada,
É mais resistente
Que qualquer rocha dura.

O processo doloroso
Renova, cura
Tudo o que era doente,
Tutano, medula e osso.

Agora, de cara nua
Ele está a me beijar
Enquanto a canção do mar
Soa...
Enquanto abre o olho a Lua
Só para testemunhar.

Heráclito que me abraça
Heráclito que me abençoa...

E com movimentos ternos
Sem nenhum pudor,
Como a criança que pede,
Ele me veste do seu terno,
Enquanto me despede...

Caminho de volta,
Mas paro.

Viro a cabeça,
Ansioso feito Orfeu,
Para agradecer a quem mereça
O que mereceu,
E vejo um quadro raro.

Veloz e já distante,
Como um astro cadente,
Está um cavalo de cauda ardente
Que some no horizonte...

Ando de volta.
Carrego um brilho na alma,
Ilesa e sem corte
Depois de tanta luta.

E plainando na altura
Uma gaivota se interessa
Por uma estrela que regressa
Absoluta,
À praia do Forte.



Praia do forte - Cabo Frio/RJ

IV

Transfiguração

13/03/16

“A vida do Homem oscila, como um pêndulo, entre a dor e o tédio...” - Schopenhauer - Dores do Mundo - Página 12.

“O samba é o pai do prazer / O samba é o filho da dor / O grande poder transformador / ... / Cantando eu mando a tristeza embora” - Caetano Veloso - Desde que o samba é samba.

Sem mais...



Noite após noite
Sem pedir licença,
O Tédio
- visita indesejada -
Como serpente em bote,
Encrava-me sua lança enregelada.
Tortura-me por toda a madrugada.

Grito, esbravejo, digo impropérios...
Tento chutá-lo, mandá-lo embora,
Mas sou como criança que chora
Quando sozinha na beira do rio,
Não consegue espantar os abutres
Do abate.

Agora, é o Tédio quem me bate.
“Em seu quarto, sou eu quem faz festa”
Ele diz como quem late
Enquanto me coloca o dedo de cinza na testa.

Sua figura abjeta chove dentro de mim.
Como negra nuvem de geada
Castiga o abundante capim da esplanada,
Assim, ele enche meu pote de vazio.

É Mestre do Fastio, é Herói do Nada.

Estuprado, estripado, juro vingança.
E enquanto o Tédio molesta meu corpo oco,
Triunfante qual guerreiro
Que volta da matança,
Sussurro ligeiro:
“Um dia te darei o devido troco!”

O dia chega.

O ser perverso
Já dono do pedaço,
Colore tudo de branco baço,
De calmaria louca.

Mas erra.

Não me amordaça a boca.

E como quem grita
Quando vê a morte.
Ou como quem agarra
Numa raiz forte
Quando se precipita,
Declamo meu verso:

“Óh Tédio que tudo amortece!
Maldito entre os malditos,
Noite que não acontece!
Escutai o que tenho dito.

É chagado o termo da tua hora!
Bota tuas coisas pra fora.
Bata em retirada.

Pois mesmo sozinho,
Sou dono do meu caminho.
Sou peregrino da minha própria estrada.
E nada há de me parar!”

Por um instante
O Tempo para de arar.

Agora, é a figura esquelética
Que delira,
Que começa a agonizar,
Ao som da minha Lira!
À poética
Do meu cantar!

E dilatando o olho míope,
O andrajoso vulto,
Racha em pouco tempo.

Dá lugar à Musa
Do meu culto!
À Bela Voz
Que preenche a nave do meu templo,
Calíope!

Agora é Ela quem me usa.
Me cavalga
Me lambusa.

É Ela quem
Emoldura o meu canto
Com contornos de Alegria.
E presenteia o mundo humano
Com tudo o que eu transformo,
Depois de ter sofrido tanto,
Em poesia...



V

A física da paixão

16/03/16

Fiquei duplamente encantado quando vi Artur Gomes, no Teatro Municipal de Cabo Frio, declamar “Sexo em Moscou do Mano Melo. Encantado com a performance dele e também com o poema, que é incrível.

Mano Melo brinca com termos, ideias e nomes que povoam o imaginário da esquerda, revelando uma picardia deliciosa.

E se eu fizesse o mesmo com a Física? Uma ciência dura, fria, objetiva e impessoal.

O poema abaixo foi o resultado da minha tentativa de brincar eroticamente com termos da ciência e da física, à moda de Mano Melo.

O poema que, foi escrito para ser declamado por uma única pessoa inicialmente, foi encenado na escola por um casal. Sugestão do professor de teatro Jiddu Saldanha, que prefacia este livro.

E não é que ficou, a meu ver, excelente na voz de 2 pessoas.



[Ele] -Venha minha pequena!
Deixa-me sujar de pecado
O espaço curvo de tua pele morena.
E imprimir nela o meu recado,
Com fórmulas magistrais...

[Ela] -Chega de casos ideais
- Estou cansada de abstrações -
Saiba que é com atrito,
Que o calor se alastra mais.

[Ele] -Quero colidir com teu
Corpo de prova.

[Ela] -E eu quero construir
Uma teoria nova!
Sobre “A Dinâmica
Do Tesão”.

[Ele] -Sobre as cargas
Em tensão
A irromperem,
Corrente alternada
Em teu material condutor?

[Ela] -Áh! teu corpo é um motor
Que dança!
Sem resistência,
Sem impedância...

[Ele] -Que arqueja liso
- Com os componentes em série -
Enquanto encaixo
Em paralelo,
A textura de um som baixo.
A frequência de um amarelo
Sério, que se polarisa
Em riso...

[Ela] -Assim, vencemos a inércia
Da distância...

[Ele] -E quando começa o teste
De nossos volumes em choque?
Rápido lhe tiro a veste
E antes que eu coloque,
A resultante acesa
De meu vetor na conta.
Já vibram todas as estantes
As bancadas e as mesas
Deste laboratório de ponta,
Que experimenta
A cadeia de nossa reação!

[Ela] -E do chão do Espaço-Tempo
Saltamos pra infinitos transcendentos,
Enquanto você a murmurar rouco
Vai me encravando os dentes.
Feito louco?

[Ele] -Áh...
Tudo é pura Metafísica
De um doce saboroso!
Termodinâmica quântica
Dos deuses do deleite!
Vai-e-vem de um movimento
Harmonioso!
Música das Esferas
entoada
por um Pitágoras Ardente,
A embalar a Lei Universal
Que se faz em nós atração!

[Ela] -Enquanto saboreio o gosto do teu sal...

[Os dois] -E juntos podemos sentir
Encantados,
A Física da Paixão.



VI

Chamamento da musa

04/04/16

“Antes de mais nada eu gostaria de deixar claro aqui o meu desejo de quando um ou mais poemas deste livro forem lidos em saraus públicos ou privados, que o poema abaixo seja o primeiro a ser recitado. Escrevi-o com a intenção clara de ser um poema-para-abrir-sarais. Trata-se de uma invocação. É o chamamento, à moda contemporânea, da musa Calíope, matrona da poesia lírica, na cultura clássica grega. Mas Calíope possui várias caras, origens e ritos invocatórios; eu descobri... Ao falar da relação entre a Musa e o profissional da escrita no livro “A Guerra da Arte”, Steven Pressfield diz que “o escritor deve eliminar o caos de seu mundo, a fim de bani-lo da mente”.

Segundo o autor, o ambiente em que se escreve deve estar limpo e organizado. A assepsia do aposento onde o profissional trabalha é essencial para que a Musa, quando entrar, não suje as vestes alvas e vaporosas. Afinal de contas, a Musa é uma figura cheia de caprichos e de humor volátil. Ao menor sinal de desleixo ante sua presença, num bater de asas ela desaparece. O escritor-profissional Steven Pressfield, este homem que constrói um locus higiênico para a Musa entrar, como que vinda de fora, o faz porque sabe que a Musa vem de dentro de nós!

Ele dirá certamente: “É que a imagem da Musa entrando em minha casa é uma metáfora. Não a tome ao pé da letra. Que a Musa venha de dentro, não resta dúvidas. O meu rito de limpar, de organizar, de higienizar a casa de fora, se reflete na casa de dentro. Isto permitirá, Musa, aparecer e transitar por todos os aposentos que me constituem o intelecto.”

E assim o autor americano, que escreveu grandes obras, entre elas “Portões de Fogo” erra, ao meu ver, não em nos relatar seu rito invocatório, mas em estabelecê-lo como O Rito, sob a égide de “Um Profissional Busca a Ordem”.

Calíope tem muitos rostos e muitos ritos. Assim também o são os escritores; diversos. Eu mesmo não sou um escritor-profissional, mais um acontecimento-poeta. A poesia, em 2016, aconteceu-me, e eu, a escrevi.

Quem escreve, debaixo de que status for, acaba construindo seu rito, sua relação própria e particular com a musa. Há quem só escreva de madrugada. Quem só escreva de dia. Há quem só escreva em casa, quem só escreva na rua. Quem acenda uma vela para escrever. Há quem só escreva deitado, sentado, ou mesmo em pé, andando de um lado para o outro. Há quem só escreva em viagens ou ao final de caminhadas. Em fim, os ritos vão ao infinito.

“É preciso um pouco de caos, para se parir uma estrela dançarina”, assim nos falou Zaratustra. Sob a égide do caos e não da ordem, escrevi os poemas deste livro. Calíope, a minha Calíope, visitou-me num sertão agreste, inóspito e desolado. Como semente, ela enraizou-me a inspiração poética aqui convertida nos poemas que apresento, justamente pelo fato de meu intelecto, no caos de 2016, ter sido como uma terra de ph ácido. O leitor encontrará muita acidez nestas páginas, até mesmo amargura. Mas também encontrará doçura e beleza. Esse é o milagre alquímico da arte! O de transformar as coisas. O de colorir as coisas. O invocador da musa apresentado no poema a seguir, não é o politicamente correto. Embora seus meios possam ser truculentos e mesmo obsessivos, seus fins são os da mais alta nobreza. Que o leitor possa ser instigado a investigar-se e a produzir sua própria relação de vivência com a sua musa!

Amém!



Musa!

É chegada a hora
De abrir os trabalhos!

Já temperei minha palavra
Com teu sal e com teu alho.
Não fique envergonhada,
Venha sem demora.

Lambusa
com teu pó de fada,
A gente deste edifício.
Vem Musa, vem!
Não se faça de difícil.
Pega logo este trem
De delírio que tem
Na alma, estação.

Com tua inspiração,
Construímos cais no rio,
Oasis no deserto...
Sonhamos uma noite de verão,
Mesmo quando faz frio
E é inverno.

Somos abandonados
Nas Portas do Inferno.
Perdidos na Teia
de linhas tortas
Da Vida.

Mas tua Bela Voz é alameda!
É insulina que corre na veia.

Tua Alquimia
É lava que inflama o sangue,
Soro novo a regar o mangue
Subterrâneo da Alma!

Por isso,
Faço muita coisa.
Assumo qualquer compromisso
Pra te chamar a atenção.
Escrevo teu chamamento
Mil vezes na lousa,
Só pra te fazer virar a frente.

Vivo a beber o caldo gorduroso da tua fonte.
A desenhar teu pentagrama no chão!
A cozinhar as poções
Grossas dos teus profetas,
Em insones calderões!

Assim, sem parar afio o talho
E ferramenta de minha meta,
A palavra!

Musa!
Não adianta fugir,
Eu sou um louco
A correr atrás de ti...

Sou bandido,
Tarado,
Perdido,
Achado,
Calejado da vida.
Viciado em ti.

Musa,
Você está fudida!
Com muito paciência,
Destilei gotas de tua essência
Em minha pedra fundida.
Agora, sou dono de tua ciência.

Já te cerquei
Te cortei as asas!
Andromicamente,
Te acorrentei em águas rasas.
A maré muda conforme a Lei,
Querida!

Tatuei teu nome
De cor florecente
Na ponta da língua!
Paguei teu preço.
Passei mal no começo,
Nasceu íngua!

Tu o sabes...

Mas é pra te adorar
que eu tanto malho.
É pra te edificar um Altar
De carne nos corações,
Que eu ralo e me ralo...

Agora, dá-me o que te peço.

Prepara-me de alimento
À alma que míngua.

Faça-me de porta-vóz,
Da Esperança.

Ensine-me a desatar os nós.
A ser reconciliador de nós.

A rastrear os brinquedos
Perdidos de criança.

A ler toda palavra não lida.

A cantar o Milagre
Absurdo que é a Vida!

Não deixe mais na espera,
Esta gente
Judiada da lida.

Planta nesta Terra
Tua semente.
Ajuda o moço a olhar pra frente,
E teça um colar no pescoço
Da menina!

Áh! Teu Universo me fascina!
E já começo a sentir Alegria,

A Musa já chegou do fim do Mundo!
A Festa vai começar!
Respire fundo
Estique os braços para o ar,
Que daqui para frente,
Público presente,
Tudo será Magia!



VII

Perdido de volta

10/04/16

Áh! Como é bom, quando se está no meio de um processo criativo, convidar a contigência da vida para sentar-se ao seu lado e te fazer companhia na viagem. Eu entendo Sartre, porque ele escrevia em cafés!

A história deste poema começa com um encontro casual e irrepetível, entre um livro inusitado e uma pessoa.

“Perdido de Volta”.

Um livro de capa preta e de borda laranja fluorescente.

Perigo!

O li uma vez para não ler mais, de tão forte que foi a experiência.

A orelha falava de um escritor luso-sueco que tinha abandonado a Europa e agora viva a lecionar na África. Estranho movimento pois, muita gente ao imigrar tem o velho continente como destino e ele, fez justamente o oposto, saiu de lá.

Saiu da regularidade de lá, do conforto moderno, da verdade cristã, da pontualidade inglesa, do princípio da não contradição grega, da Imobilidade do Ser de Parmênides, fundador da identidade europeia.

E o leitor logo se depara com uma cena emblemática em que um personagem (um escritor) é arrastado sem destino (será?) por um sistema de transporte local não legalizado e caótico.

Miguel Gulander, o autor de Perdido de Volta, produz um canto de sereia, à moda da Odisseia. Pois consegue como poucos, misturar estados de alucinação e de clarividência. De perigo fatal e de beleza sublime...

"We're only at home when we're on the run - Rush - Dreamline".



A vida é como uma carrinha
De transporte coletivo,
Clandestina e lotada,
A correr alucinada
Por entre picos altivos,
Por alamedas esburacadas
Rente a precipícios gulosos.

No letreiro traz o nome
“Perdido de Volta”.
Ela não tem hora de passar no ponto,
Te pega no caminho e some,
Pronto!

Sobe perigosamente as ravinas.
Velozmente acompanha o voo
Das aves de rapina.
E nas alturas,
Deita poeira nos altares
De deuses esquecidos...

Ora passageiro,
Que mal tem te perseguido?
Ninguém se preocupa com teu enjoo
Mas te fodem se vomitares.

Aguenta firme portanto
As auguras da viagem!
Não era a Vida que tu
Querias tanto?
Então tome-a!

Mas, não se preocupe...

O motorista
É um negro albino.
-A antítese de si mesmo-
E ainda mamado de grogue.

Metido a artista,
Canta sem parar
Ao som de um Kuduro
Estalado no último pino.
Na carteira não traz telefone
de reboque.

A lalaria é velha.
Os pneus,
caprichosamente carecas.
Os freios
Gastaram-se a 13 bilhões de anos
Pelos caminhos tortos.

Atrás seguem rabecas
A cortarem os panos
Recolhendo os mortos.

Destinando os defuntos
Para o trânsito
De aeroportos
Fantasmas que,
Sem descanso
Despacham aviões etéreos,
Para outras dimensões...

(Uma única coisa é certa:
Um dia, preparado ou não,
Pegarás este avião...)

Cada dimensão é também um carrinho
Irremediavelmente perdido.

Afogado pelo lendário Maelstron
Cuspidor de almas.

Centrifugado pelo grande Torvelinho
Maldito.

Embalado pela Dançarina
De mil braços...

E tu,
És para sempre
Passageiro em trânsito
Conduzido de mão em mão,
De carrinha em carrinha.
Maravilhosamente enjoado.
Maravilhosamente perdido,
Nesta Universal confusão.

Mas não se preocupe,
Não viajas sozinho...

Na carrinha entram todos:
Valentes, covardes
Videntes, compadres
Crentes, ateus...

Uns viajam de peito aberto,
De boca arreganhada.
Com mãos pra fora da janela
Roubam as frutas que passam perto
Da carrinha, na estrada.
Lhas metem na guelha
Faminta,
Pois não sabem em que viela
Seca, a carrinha há de se meter.

Nenhum passageiro
Traz comida pra comer...

Outros se fingem de faquir.
Se anunciam portadores da “Verdade
Imóvel” que precede o partir
De todos os viajantes.
“A Verdade alimenta”
Dizem e o motorista ri,
Tirando as mãos do volante.

A carrinha sacode violentamente...

“Não existe Verdade
Seus tolos
Pregadores da imobilidade!

Pois nenhum tijolo
Da cidade
Da existência
É o mesmo tijolo!

Tudo é matéria em transito
Intenso.

Se não percebes isto
És bobo!
Mas logo te pego
Te misturo no bolo
E te como com ovo
E com farinha!”

Eu já percebi o óbvio
Óh Grande Astuto!

Já bebi a água do teu rio.

Teu fluido de bateria
Corre-me por linfa.

E por baixo de mim,
Geme e chora a ninfa
Palavras de sabedoria.

Esta é agora
A minha verdade móvel!

Tatuei a Carrinha
“Perdido de Volta”
No antebraço.

Mas se pudesse
Tatuava mesmo era no baço.
E no sangue que flui
Pelo meu corpo.

Tatuava a marca da carrinha
Em cada pedaço
De mim.
Tecido, célula,
Molécula e átomo.

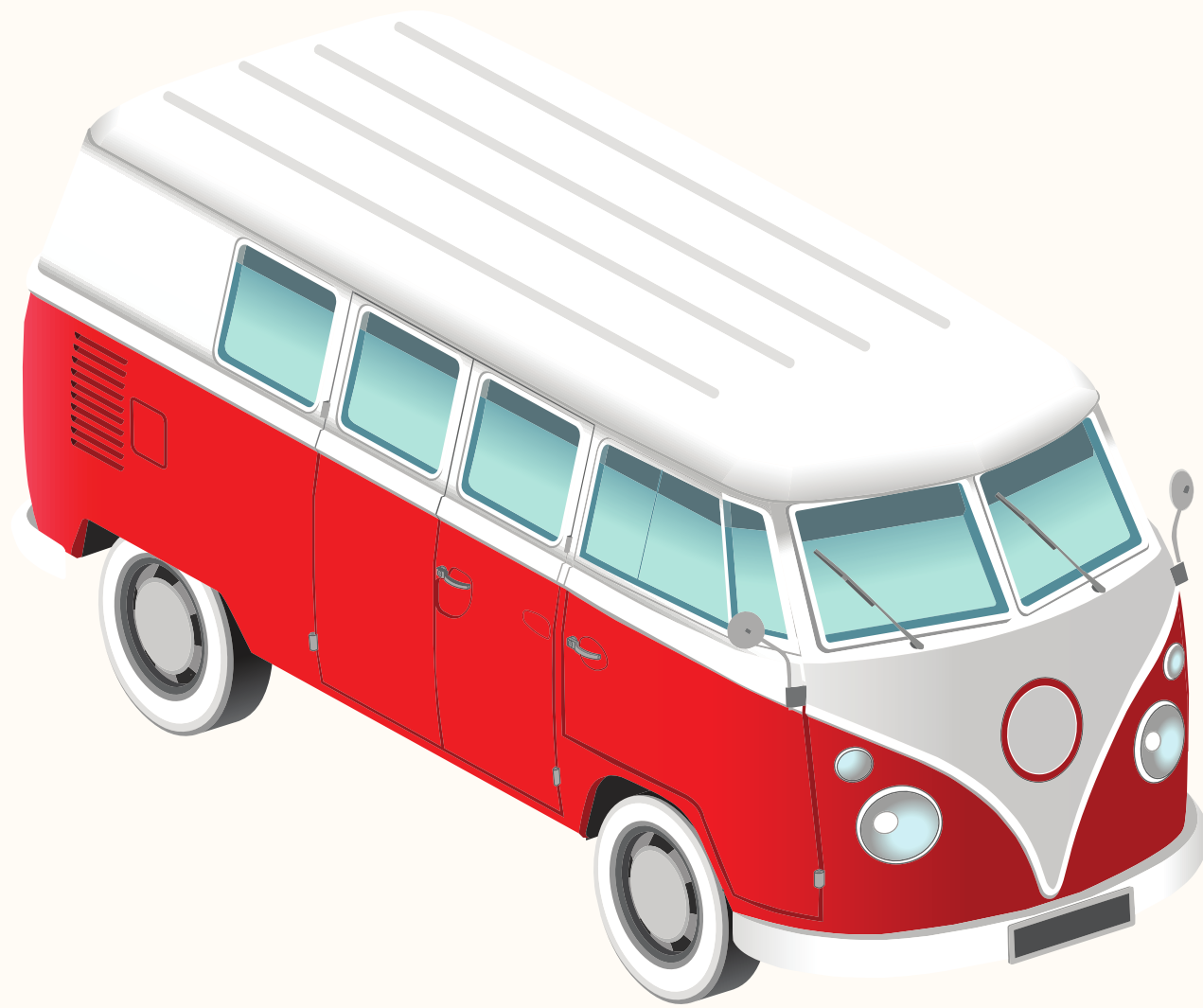
Marcava na matéria
Que me constitui, o traço
De nossa sina,
E fazia dela vacina
Para alertar a todos!

Pois nesta vida
Quem quer se achar
Precisa primeiro
Se perder!

Porque somos todos passageiros
Em trânsito...

Irremediavelmente perdidos...

Mas sempre
Perdidos de volta!



VIII
Religiosidade
25/04/16

“Vejo que você traz uma panela com comida em uma mão e uma grande colher de pau na outra. Diante de você está uma fila indiana de pessoas famintas. Você coloca a colher na panela. Retira ela cheia e dá de comer. E o processo se repete até que todos se saciam. Você tem o chamado pastoral”.

Estas foram as palavras que uma profetiza um dia me disse, quando eu estava em um retiro espiritual de uma igreja evangélica. Hoje eu não sigo mais a uma religião institucionalizada, mas eu já segui e por muito tempo. Toquei na banda de louvor por quase duas décadas e no meu auge religioso, fui consagrado a diácono. Fui também o tesoureiro da igreja e braço direito do pastor local.

Daí veio o meu chamado, minha suposta vocação pastoral...

Mas, por vários motivos e ao final de um processo lento, mas inexorável, eu saí da igreja.

Anos depois, conversava sobre o tema com um amigo muito querido, também professor, Bruno José Pereira. Ele me disse estas sábias palavras:

“A verdade tem o estatuto de coisa acabada, suficiente e absoluta. Não temos de viver em busca de verdade, mas de sentido. Sentido que expanda nossa narrativa pessoal. A verdade é externa. Ela luta com outras verdades e as reduz em mentiras! Ela quer se estabelecer como absoluto. O sentido é diferente. Ele nasce de você, leva sua anatomia em consideração!”

Virar pastor seria servir a uma Verdade pronta, acabada e exterior a mim! Eu Não iria aguentar este peso.

Mas e a visão da profetiza?

Penso que, de certa maneira, ela se realizou!

Tornar-me professor de filosofia é também estar na posição de alimentar o outro. Mas agora, não quero ser o Demiurgo (artífice) de ninguém! Quero que cada um, seja Demiurgo de si mesmo! Ser professor de filosofia não é dar a Verdade pronta mas, é incentivar o outro a achar sua própria verdade e sentido pessoal.

“Conhece-te a ti mesmo” e “torna-te quem tu és”. Estes são meus princípios ao ensinar. Minha panela e colher de pau...



Não tenho religião.
Mas procuro por todos o meios
Cultivar uma vida de religiosidade.
Como?
Você pode perguntar.
Eu respondo:
Observando as coisas!

Religião é matéria de pensamento.
Religiosidade tá na massa cinza
Que, no escuro da cabeça,
Produz todo o pensamento.

Religião é coisa de discurso
Que se diz.
Religiosidade vem antes.
Tá na ponta do nariz
Que inspira ar,
Matéria prima de todo discurso.

Cérebro, nariz, pulmão, boca...
São todos Santos!

Cada célula do nosso corpo
Transborda religiosidade!

As células não pensam
As células não falam.
As células não sabem
Que são células.

Ninguém se lembra delas.
Mas mesmo assim, elas
Trabalham sem descanso,
Sem nada cobrar.

Se religião é coisa de quem
pensa e de quem fala,
Não possuem religião
A estrela, a árvore e o rio.

Mas estrela, árvore e rio
Estão aqui muito antes
De quem pense
E de quem fale.

Mesmo sem religião,
A estrela briha,
A árvore dá fruto
E o rio desedenta.
Sem nada cobrarem...

Estranho paradoxo.

As coisas inanimadas
Que nem mesmo se sabem
Como coisas,
Possuem mais religiosidade
Do que nós,
Pensadores e falastrões que somos.



IX

Debatei, jovem, debatei

28/04/16

O professor Bruno Pereira (que apresentei no comentário passado) e eu trabalhamos juntos no IF de Cabo Frio. Juntos, criamos um espaço extracurricular de educação, o Clube de Debates Regrados (C.D.D). Quem quiser ver um pouco do trabalho que foi feito, pode visitar o seguinte canal do YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UCTg98-zp6r-hANck9FvFVvA>

O poema abaixo foi feito sob a inspiração das atividades do Clube. Iríamos debater no Campus Centro, em Campos dos Goytacazes, a maior unidade do IF FLUMINENSE. Escrevi o poema na véspera e declamei-o na ocasião, abrindo assim aquele debate.



Jovem

Quer combate!

Quer transformar

A realidade

De onde vem,

- Decadente -

Quer levantar o dedo médio

A todo preconceito.

Quer a liberdade como remédio

Estampada no peito.

Quer assediar o próprio assédio

Com um crime perfeito.

Quer construir um novo prédio

A quem perdeu todo o direito.

Quer dar um tapa na cara do tédio

Em uma cidade onde ele é o prefeito.

Quer trazer no canto

O sofrimento indigente,

De toda a gente

Esquecida pelos cantos.

De todo amor fervente,

Perdido pelos canos

E ralos desta cidade suja,

Que não se limpa

Com o passar dos anos...

Jovem é assim!

Traz a imagem da luta,

Tatuada cinza choque

Na massa da mente.

Traz revolução a reboque,

No sangue a lhe fluir quente!

Portanto,

Debata jovem, debata-se!

Que a mudança do mundo
Se conquista é mesmo
Com choque, com luta
Com sangue e com mente!

Que se lhe dê a bata
De orador,
Depressa!

Mas, se demorarem,
Roube-a!

Roube à força,
O Caduceu
Que deus te deu.

Diga:
“O poder da Palavra
É meu”!

Faça diferença!

E leve contigo
Por onde andares,
O Fogo sagrado e leve
De Prometeu!



X

Desejo de realidade

30/04/16

Este poema foi inspirado por um artigo homônimo do educador espanhol Jorge Larrosa. Li-o em uma disciplina isolada de mestrado. A disciplina tratava da interface Cinema/Educação. Nela discutimos o conceito da “realidade” que é representado nos filmes. A maioria (sobretudo o cinema estadunidense) apresenta a realidade sob o signo da “imagem-movimento”, um conceito de Gilles Deleuze. A narrativa é frenética, cheia de cortes e de adrenalina. A tensão é esticada ao limite e pelo máximo de tempo possível. Muita coisa acontece e nos deixa extasiados.

Na contramão disto, tem-se a “imagem-tempo”. Ela é trabalhada geralmente em filmes chamados “alternativos” ou “cult” que, não estamos acostumados a ver pois não fomos educados à realidade que eles apresentam. Esta é mais lenta. Arrastada. Mas dá tempo justamente para que o real, no sentido forte da palavra, com toda sua estranheza, apareça.



Quando criança,
Eras livre em uma realidade
Cheia de realidade.
Em uma vida, viva
De aventuras e de andanças.

Mas bem vindo agora
Ao mundo oficial e adulto.

O lúdico, jogue fora.
Não precisará mais dele...
Encha as mãos de verdades,
De regras e de cultos.

Sim, de cultos!

Cultue o dinheiro.
Todos brigam por ele!

Cultue o poder.
Todos gostam de mandar!

Cultue o conceito.
Todos gostam de saber!

Cultue o ter.
Todos são possuídos por suas posses,
O grande deus!

E assim, a cultura
Que o ocidente escolheu,
Embalsama a vida
Porque lhe dá regras
E objetivos.

Desrealiza o real,
Porque o nomeia
O define e o escrutina...

Todos percebem,
Mas ninguém parece
Passar mal...

Mas todos temos
- Bem gravado
No fundo da retina -
O choro do real.

O real é mistério.

Nosso pecado original,
Foi tentar dar
Solução a ele,
e ele
Se foi...
Esvaziou-se.

Sua voz muda
No entanto, permanece...

Ela sussurra
Desejosa de se relacionar
Conosco,
Como foi na Aurora
Da cultura,
Denovo de maneira viçosa,
Forte e vigorosa.

“Escutái-me tortos!”

A arte pode sim
Ressuscitar os mortos!
Trazer o que já se foi...

O cinema
- A arte do olhar -
É um salto de vara.

Com ele saltamos
Para além de nós,
coisa rara.

A imagem trabalhada
Pelo cineasta,
Desconstrói
Lugares comuns

No começo isso dói.
Mas a recompensa
É poder ver o mundo
De um outro ponto
De vista.

- O ponto de vista do Outro -

Para falar a verdade.
O cinema ressuscita
Nosso desejo perdido
De alteridade.

A literatura
- A arte da palavra -
É um brinquedo ludo,
A abrir portais
Que nos oferecem tudo!

O Graal que embotamos...
O real, do real perdido...

Nas noites frias
Eras embalado
Por cobertas
E por histórias...

Lembra como eras feliz,
Como sorrias tanto!
Quando a noite era atriz
E palco,
De momentos de alegria
E de espanto!

E a mão hábil
Do escritor
Te conduzia
Por estranhas
Terras de Magia
E de assombros...

Ah escritor!
És criador
De encontros
Inusitados e diferentes
Que preenchem
A vida da gente!

A filosofia
- A arte do pensar –
É a queda de um cadafalço.

É preciso dar morte
Ao real fabricado e insoço.

É preciso dar morte
Ao si-mesmo
fabricado e insoço.

Na te detenhas,
Meu irmão!
Puxa a corda
Quebra o pescoço!

Só através desta
Morte abençoada,
Viverás a vida
No mundo da vida;
Sem cortes!

O filósofo
Adora morrer.

O filósofo
Nos ensina a morrer.

A morrer para o óbvio.

A morrer para
O que está posto
Hegemonicamente.

A morrer para ver denovo.

A Morrer para falar
Do que viu no mundo
Dos mortos.

A morrer para voltar
A pensar.

Somos seres
Cheios de desejo!

Nos dizem
O cineasta, o literato
E o filósofo.

Só pegamos
Um caminho errado
Por engano...

Que a arte nos reedueque
E nos ensine
A trocar;

O desejo de razão
Pelo desejo de vida.

O desejo de explicação
Pelo desejo de experiência.

O desejo de verdade
Pelo desejo de alteridade.

O desejo de crítica
Pelo desejo de encontro.

O desejo de intenção
Pelo desejo de atenção.

O desejo de representação
Pelo desejo de presença.

O desejo de lógica
Pelo desejo de surpresa.

Assim,
O real nos
Retornará...



XI

Diva

03/05/16

Kéren-Hapuk Andrav.

Um nome diferente e fascinante para uma pessoa muito especial. Do hebraico “Queren Hapuque” significa “olhos que brilham”. Me faz lembrar de Atena, a inteligente deusa grega dos olhos dardejantes, patrona das artes de ofício. Talentosíssima, Kéren era uma das melhores atrizes do teatro municipal de Cabo Frio, onde a conheci. Ela estrelava o espetáculo “O Inspetor Geral” de Nikolai Gogol, na pele de Ana Andréievna, a ambiciosa esposa do prefeito.

Kéren fez muitos outros trabalhos teatrais, e, a algum tempo também abraçou a carreira musical. Em 2021, ela está lançando seu primeiro trabalho autoral. “Imensidão”, que conta com todas as músicas compostas, arranjadas e interpretadas por ela, de uma maneira muito original.

O poema que segue é a ela dedicado...



Miuda enigmática...

De olhos de fogo e aura magnética.
Dona de molhos de chaves
Que abrem portas e andares
Pra mundos onde tudo é cinética,
Magia, eletricidade estática.

Diva...

Deixa minhas papilas degustarem teus sabor.
Deixa meu olfato se inebriar com teus odor.
E com facão teso, desbravar este teu corpo selvagem.
Com a esperança de no final da jornada, colher a doce flor
de tua loucura e delírio.

Deixa eu mergulhar em teu caudaloso rio
De águas escuras que, por meio das ramagens
É caminho de aventuras e de viagens
Deslumbrantes.

Diva...

Abre-me este teu terceiro olho,
Aquele que já abristes antes
Tantas vezes nas festas de Baco.
Vamos, não tenha pudores
Para comigo, que os horrores
A vida não nega à ninguém.

Vem!

Vamos dançar à distorção de Jimi Hendrix.
Vamos voar juntos nas asas da Fênix,
Descobrir como renascer outra vez,
Transformar nossas rugas denovo em tez.

E quando olhar a tua alma transparente,
Portal prum Deserto de Mil Dunas
Onde a serpente
Não passa.
Pruma Praia de Mil Ondas
Onde o encantamento não passa.
Vou desejar com todas as forças...

Diva, viva para sempre!



XII

Solidão

03/05/16

A solidão incomoda. Mas ela também pode fazer frutificar. Desconheço objeto mais solitário do que um papel em branco. Tão pouco conheço objeto mais dotado de potência! Desejoso de encontro, o papel em branco é sempre um convite. É um convite a algo que nem sempre está dado de antemão. O solitário papel em branco é o lugar da novidade! É o panificador da mente e de vezes até então inauditas e fumegantes que crescem e ganham corpo em nós.

A paradoxal solidão do papel em branco, com sua carência e com suas potencialidades, deu voz à minha solidão em 2016. Ele sussurrou meu nome. Cantou-me feito sereia e eu, encantado, me dei e. através dele, contei-me...

O papel em branco é, ao mesmo tempo, um deserto e uma cama, onde as palavras fazem flores e amores com o impossível! Do encontro, nascem coisas que vão além de palavras num papel. Compartilha-se, neste milagre, experiências de sentido!

“A tristeza é senhora / Desde que o samba é samba é assim / ... / A noite, a chuva que cai lá fora / Solidão apavora / Tudo demorando em ser tão ruim / Mas alguma coisa acontece...” - Caetano Veloso - Desde que o samba é samba.



Solidão...

Sólido grão
A enraizar-me
No peito vão.

Desde que Adão
Inventou a humanidade,
Nunca reinaste tão
Soberana como agora,
Na modernidade
Insana.

Áh, solidão.

Pão dormido,
Que como
Na padaria.

Leite azedo,
Que bebo
Todo dia.

Saudade quente,
Da tua carne
Agora fria.

Fazes de mim
Filho orfão
De pai José
E de mãe Maria.

Solidão imensa,
Esmagadora...

Impossível milagre
De abraçar algo
Que não existe.

Amanhecer alegre,
Do sono que faz esquecer...
Mas logo entardecer,
De uma noite triste.

Noite embotada
Em que a ave
Da madrugada
Canta sozinha,
Cheia de espanto.

E depois de ter
Cantado,
Cantado tanto,
Ninguém veio
Visitá-la.

Amargurada,
Recolhe-se,
Em seu ninho
Caiado,
No meio
Do caminho
De nada.

“Também estais
Surda à canção,
Gente deficiente,
Desensibilizada?”

Áh, solidão!

O que farei de ti?
O que farás de mim?

Se não tirá-la da mente,
Como um samurai no tatame,
Hás de matar-me
Vagarosamente...

Por isso, joga
Pra fora
Minha dor,
Que agora,
Machuca o papel
Em branco.

A pena o fere,
Trêmula
De amor.

Enquanto eu,
Sentado no banco,
Escrevo
A promover
O encontro fecundo,
Do espaço vazio
Com a palavra!



XIII

Uma história sobre mistério prosa (18/07/2016)

“Paradoxalmente, eu acredito no Mistério”, me disse uma vez o já referido Bruno Pereira. Esta crença é paradoxal na medida em que ela não admite explicações. “Explicar o Mistério é transformá-lo em fenômeno. É manipulá-lo e dessacralizá-lo, portanto”, continuou ele. “Mas como é acreditar em algo que não se explica e que não é conhecido?”, perguntei atônito. “Cara, é como dormir numa cama de campanha. Você consegue descansar, mas sem conforto...”.

Eu sempre fui ligado às questões existenciais. “Quem sou eu, realmente?”, “o que estou fazendo neste planeta?”, “qual é o propósito da minha vida?”. Ante às palavras do Bruno, ressoou na minha mente o dizer de Nietzsche segundo o qual o conforto existencial seria perigoso.

Um Deus pessoal, domesticado, customizado ao gosto do freguês e que promete o paraíso aos fiéis é muito confortável, de fato. Mas esta ideia me cheira a fake. A uma construção inventada pelo homem que necessita psicologicamente de permanência no tempo e de conforto. Precisamos deste Deus manipulável.

O Mistério é diferente. Pro bem e pro mal ele é selvagem. A virgem não era Virgem. O é o Mistério.

O Bruno inventou o bojo da história narrada abaixo. O acabamento é meu.



Em uma noite de chuva e trovoadas, um pai estava sentado no sofá, absorto com a leitura de um livro. Ao sentir a barra da calça sendo puxada se depara com o filho, uma criança de nove anos que está a lhe abraçar a perna.

- O que foi? Pergunta o pai atencioso.

- Estou com medo dos trovões. Apavoram-me os clarões e o barulho. Porque as tempestades existem e porque elas nos assustam tanto, pai?

- Meu filho, se você fizer perguntas sobre “o porquê” das coisas a pessoas diferentes, obterá respostas diferentes. Sente-se aqui, vou lhe contar uma história. Esta será a minha resposta a você. O menino sentou-se atento para ouvir o que o pai tinha a lhe dizer.

“Há muito tempo, dois homens primitivos estavam confinados em uma clareira na floresta. Era noite como agora. Embora não chovesse, fazia muito frio. Em busca de luz e de calor eles acenderam uma fogueira. As chamas iluminavam um círculo ao redor deles, fazendo dançar copas de árvores massudas e antigas. Para além das árvores não se via nada. Enquanto conversavam entre si, percebiam perifericamente coisas na escuridão! Olhos de todas as formas, de todas as cores pareciam espíá-los. Sussurros comunicavam segredos já esquecidos e silhuetas agitavam-se nas trevas. Mas quando eles focavam o olhar e a audição na mata, nada viam, nada ouviam, nada testemunhavam. Eles voltavam a conversar e o fenômeno se repetia. Um deles estava dominado pelo medo, enquanto o outro pela curiosidade. – Vamos ver o que tem para além da luz! Disse o curioso, mas o companheiro vacilava. Então ele pegou um pedaço de madeira, colocou-o na fogueira e fez uma tocha. – Vamos, não há o que temer, a luz nos acompanhará!”

- E eles foram? Perguntou ao pai, a criança de olhos atentos, já cativada pela narrativa.

- Foram!

- E o que aconteceu? Perguntou irrequieto.

- Quando entraram na floresta, a tocha apagou-se meu filho...

- Apagou-se? Como assim? Acabou a história?

- Sim.

- Mas pai, qual é a moral desta história?

- Isto é uma coisa que cabe a você dizer, com o passar dos anos! Agora, volta pra cama.

O menino obedeceu.

XIV

Polissemia amorosa Ou a gata do canal (12/08/2016)

A Região dos Lagos no estado do Rio é muito frequentada pelos argentinos. Todos sabem disto. O bairro do Portinho, em Cabo Frio, é muito charmoso. Todos sabem disto também. As vielas semi-iluminadas e os barzinhos boêmios do bairro, à beira do canal, inspiram histórias de amor.

“Por quê não brincar com isto, usando as palavras”, pensei quando atravessava o lugar de bicicleta...



Trago fumo extra
Pra mais um trago.

Risco o fósforo
Dispensando o risco.

Amasso a embalagem vazia
Suspirando o amasso.

Só pensando na gente,
Quando eu não era só...

Piso suave pra
Não dar ruído ao piso.

Passo ligeira se a rua é escura,
Apertando o passo.

Sentidos aguçados pela luz da Lua,
Que não tenho sentido,

Canto teu nome
Por todos os cantos...

Venha agora,
Já abri o vinho.

Lenha pro fogo.
Os lençóis, de linho.

Portenha caliente sou,
Te espero, Portinho...

Assuma a hora,
Ou suma!



XV

Pop império (12/08/2016)

O selo "Camarada Garcia" produziu muitos fan-zines em 2016. Meu amigo André Garcia, era uma pessoa industriosa! A impressora do selo, carinhosamente chamada de "Dilma", não tinha descanso.

Ele publicou, na forma de zine, o poema que segue.

O André que já era escritor, publicou um livro de contos de grande envergadura (mais de 450 páginas!) agora em 2021. O LIBER IMP.

Na ocasião da publicação do "Pop-Império" ele disse que era o melhor produto do selo até ali, o que me encheu de orgulho.



A arte popular
Se reinventa
Pro povo pular
Com fogo na venta,
Ao sabor do vento
De mais um carnaval.

O Papa
Libera o gay
Pra papa,
E não belisca mais
A lésbica.

O bobo da corte
Não sofre risco de corte.
Não está mais num castelo,
Nem usando chapéu amarelo.
Está numa sala de estar,
Assistindo novela da Globo
Calçando tênis All-Star.

A TV
Te vê
De um quadro
Na parede.
Caixote agora,
Só na feira.

O vídeo K7
Apanhou pra cassete
De um tal DVD,
Que botou tudo
Pra vender.
Hoje, o Blue-Ray
É quem é o rei
Da definição.

Errei
Ao achar
Que nada mudaria.

A música era MPB.
Agora, quando volto
Da padaria,
O vizinho
Põe pra tocar alto
Latino,
Que já não escuto mais
Nem meu cão latindo
Pra me receber.

Pra morrer de medo,
Mumm-Rá.

Pra roer as unhas,
Noir.

Pra doer o coração,
Pixar
Que, ainda
Procura Nemo
Bolt e Wallê.

Já roubaram o gorro do anão.
Livros, ninguém mais lê.
Mas pra apertar botão
Não falta dedo.

Pra jogar
Liga o Atari.
quem tem dinheiro.
Liga o x-Box
Pra sonhar.

X-burguer
É no Bob's.
O velho cachorro-quente
Mandaram passear.

Meu pai
Assistia boxe.
Via Mohamed Ali
Dançar.
Meu filho
Vê cachorro louco brigar
No M.M.A

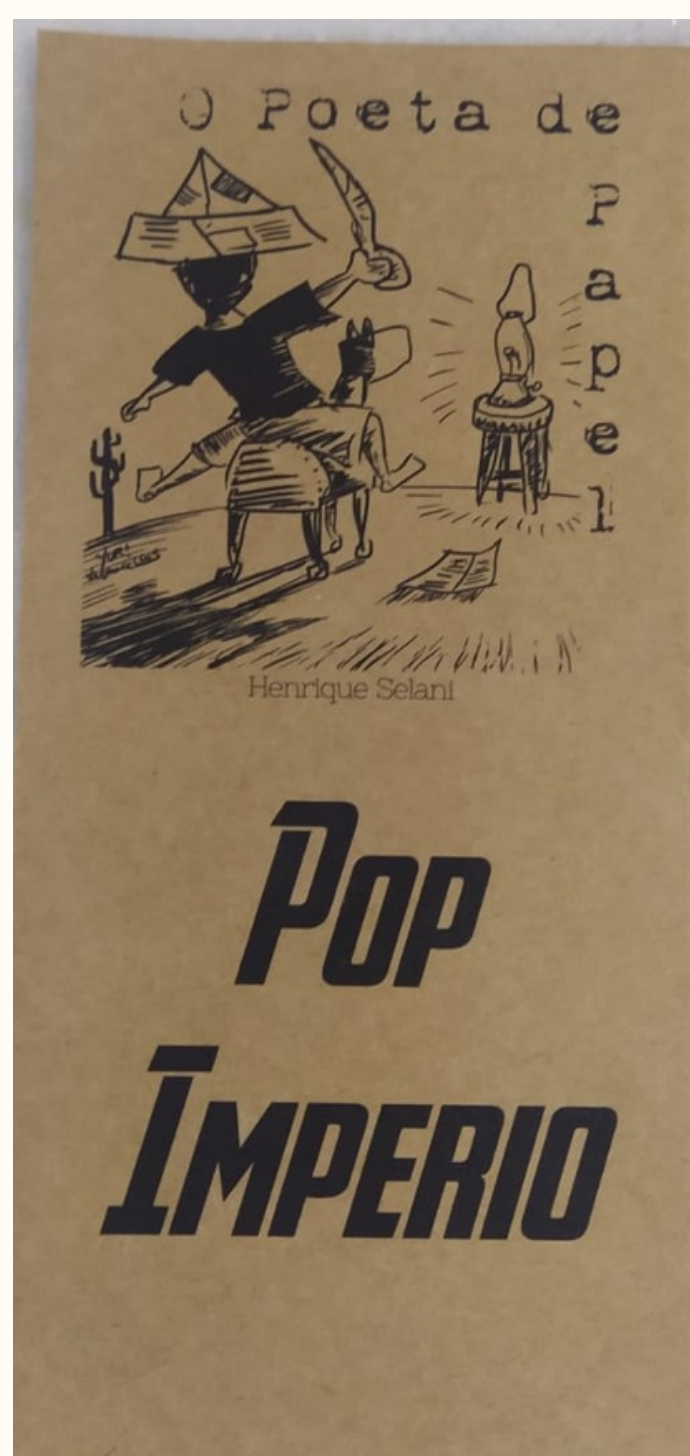
O telefone
era analógico
Hoje é smart
lógico

Se a obra de arte
vai pro leilão,
Senão
o patrão cobra
a construção.

Hoje
não precisa mais
de boca
pra levar
dona Maria
A Roma,
Pra ela chorar mais
Uma romaria

Hoje
só precisa
de tela
e de conexão

E assim continua montado
O cerco barato,
A lona,
da velha e eterna
Política
Do pão
E do circo.



XVI

Desabafo (18/08/2016)

Texto seguinte é inspirado pela leitura de Miguel Gullander. Sua prosa, escrita com português de Portugal, é de uma irreverência, rebeldia e de um lirismo cujo nível eu invejo um dia atingir.

O texto é inspirado também pelo grande best-seller de Irvin Yalom, "Quando Nietzsche Chorou". A conversa final do filósofo e do Dr Breuer em que Nietzsche finalmente chora, é de uma profundidade e de uma sensibilidade, para mim inauditas. Vale a pena a leitura!



A Vida é a única coisa que existe.
E ela não prometeu nada a ninguém.
Ademais, escreve a história de todos
No seu Grande Livro de Porradas...
E tudo isso por puro Gozo,
Estampado em sorrisos largos.
Sorrisos que se escancaram
De suas mil caras,
Como que feitos
A rasgos de faca.

Sua Bela Dança Mortal
- Crazy -
Nos monta e desmonta a todos
Sem aviso prévio,
Sem piedade.
"Para o que é novo surgir,
O velho tem que desaparecer".
Reza o oráculo
Da Dançarina Frenética...
Ela é puro movimento violento
E criativo.

Não importa se o indivíduo
Ainda não realizou seus sonhos
E a Vida está a lhe pisar a cabeça
Com todo o descaso do mundo.

Não importa nada de nada!

A Dançarina não conhece Moral
E todos os seus consortes e serviçais,
São Senhores e Senhoras do Foda-se!

Fagulhas do Fogo se me soltam dos olhos,
Mas sua luz não é notada por ninguém...

- Fuck You -

Transpiro minha Verdade
Pelos poros do corpo,
Mas seu gosto não é sentido por ninguém...

- Fuck You -

Me faltam Palavras precisas,
Que precisam materializar-se no ar,
Me sair das entranhas,
Se não me sufoco delas...
Não há tradutor.

- Fuck-off You -

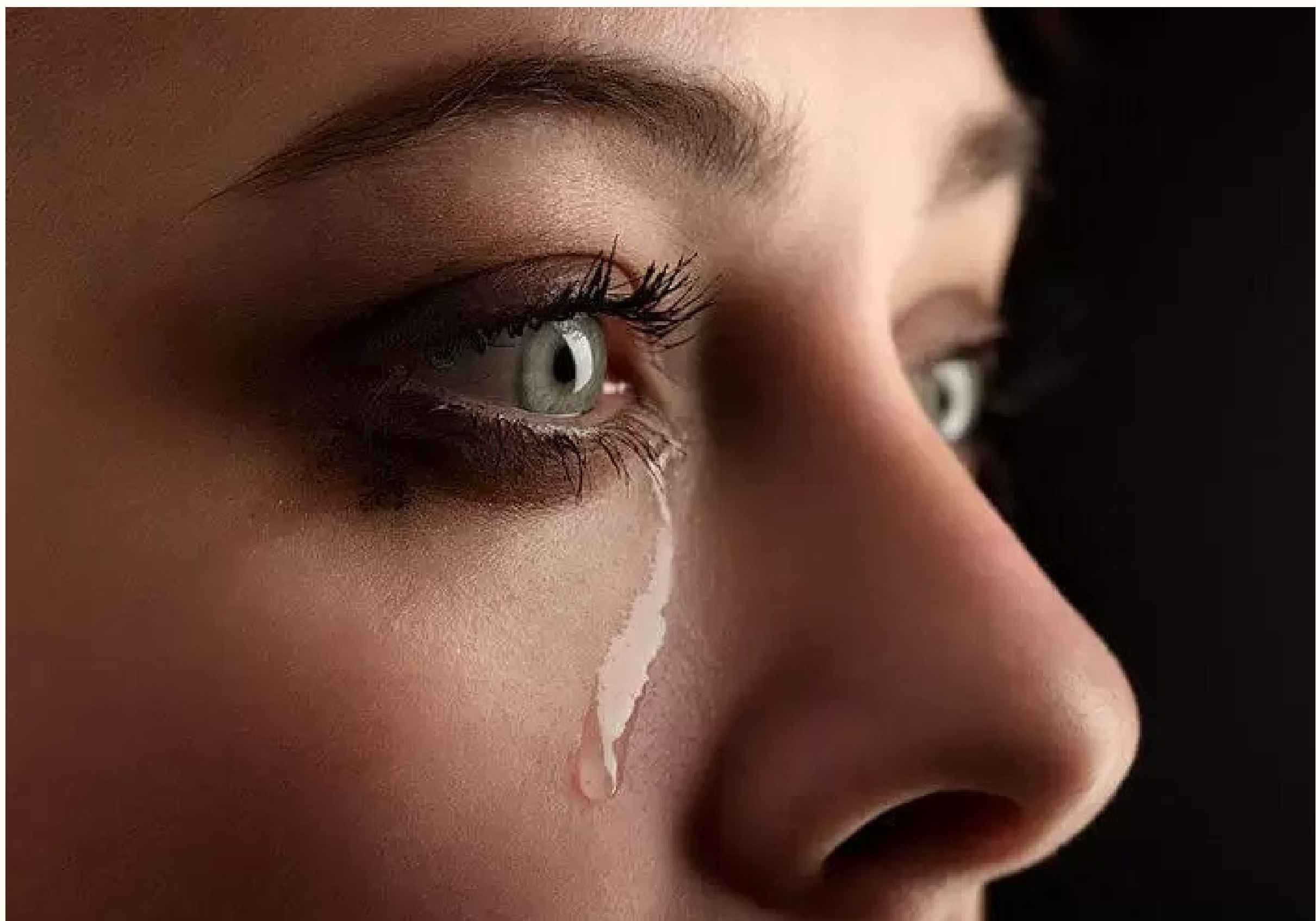
Portanto,
Se as lágrimas cristalinas
Do Grande Choro
Lhe baterem às portas dos olhos,
Não te contenhas.
Não te envergonhes delas!
Deixe-as ganharem a luz
E se transformarem em Sal Perfumado
Sobre teu rosto.

Elas vieram de muito longe,
De muito fundo...
Dos recantos e rincões
Sertanejos da Alma.
Do substrato comum
da existência,
Preenchido com o Líquido-Gorduroso
Rico de seiva, sentido e significação.

O Grande Choro lava a Alma,
Purifica!
Se você for tocado por essa Benção,
Não ignore, viva-a.
Se você for agraciado com
A presença de um ombro amigo
Em tais horas,
É bem aventurado do destino!
Ganhou na Sena
E a Roda da Fortuna lhe sorriu!

Deixe que as lágrimas profundas,
Escorram livremente.
Dê a elas bocas e vozes!
Diga o que elas diriam
A respeito de Ti.
As lágrimas são sábias,
São pedacinhos desgarrados
Da tua essência...

Escuta-lhe os segredos,
Se fortaleça destes sábios
Sussurros
E siga caminho,
Mesmo que as próximas
Milhas sejam
De árido deserto...



XVII

Esculápio
(22/08/2016)

“Napoleão é o Espírito do mundo a cavalo.”

“A contradição é o motor da história!”

“Tudo aquilo que existe, está destinado a ser negado e, portanto, a se transformar em outra coisa.”

“A história é dialética. A oposição atua e os diferentes aparecem como manifestação de uma identidade!”

“A tensão dos opostos, no jogo dialético, manifestam o real.”

“O presente é um presente determinado pela história. Ele está incluído num grande movimento cujo objetivo é a realização do Absoluto.”

“A ave de Minerva só levanta vôo ao cair da tarde.”

“As feridas do Espírito se fecham sem deixar cicatrizes.” – Citações de ou relacionadas a Hegel.

Sem mais...



Todos os dias no canto da praça,
O palhaço Esculápio monta
Seu postinho de saúde da alma.

Ele trata com muita calma
E nada cobra
Da gente de sua raça.

Para o atendimento completo
Seus ajudantes
Trabalham na barraquinha.
Áh, tudo o que ela tinha
Era curador.
Do chão ao teto
Tudo curava a dor.

Para espantar o tédio,
O mico do realejo
Aparecia de seu fundo escuro,
Distribuindo sortes,
Profetizando futuros
A quem lhe apetecia.

Bem ao lado, de repente,
Saía o camundongo de seu labirinto,
Com um presentinho à boca para dar.

E na gaiolinha fumaça,
Se põe o periquito a pular
Arrancando sorriso de toda a gente
Que passa!

Que passava...

Pois o Tempo é senhor severo.
É alheio aos milagres.
E não olha a quem possa
Fazer troça.

E no trote do Cavalo de Ferro
Chamado Progresso,
As coisas já não são como antes...

Progresso é réu confesso
Do interesse utilizar tudo.

Sem avisar os viajantes
Faz de almoço o próprio mundo
Em que pasta,
E em cujo chão deixa suas pegadas
Fumegantes.

A barraquinha de Esculápio,
Que não teve chance
De dar um pio,
Foi abocanhada.
E Progresso construiu
No lugar, de um lance,
Ruas, lojas e fachadas.

Mas o mesmo Tempo,
O maior dos saltimbancos,
Prega peça em tudo o que cria.

O Cavalo de Ferro passa
E volta a magia
Do lúdico frescor da infância.

Esculápio volta
Abrindo novas portas,
Rindo novos sorrisos
Batendo novas palmas...

Nos dando denovo
As chaves perdidas
Do Paraíso,
Que mora na alma!



XVIII

O segredo do ventilador

(05/10/2016)

Em Cabo Frio é famoso o Vento Oeste. Famoso e travesso! Bagunça as roupas no varal. Bate portas e janelas. Traz chuva repentina que molha os desavisados a andar na rua sem a proteção de um guarda-chuva.

Sério e com o freio de mão puxado, eu queria ter mais natural em mim a rebeldia do Oeste.

No teatro, espaço fluido e habitado por desejos flagrantes, a constatação era constante: "O Henrique se scandalizou". É que eu saí da igreja (mas a igreja não tinha saído de mim) e passei a frequentar o teatro. Uma transformação de espaço radical e muito repentina.

Se eu fosse mais brincante, alado e descontraído... Tudo teria sido mais fácil.



Aqui em casa
O único que bate asa
É o ventilador,
Num girar sem fim.

Aqui, dentro de mim,
Ardor...
A dor infinita.

Adormecido, vou
Fugindo em voo
Dos espaços vazios,
Da náusea, do enjoo.

Plainando ao sabor
Desta ganja,
Vou plantando
Minha granja,
No país luzidio
Do fogo branco.

Mas todo acordar
É um morrer...

O ar da noite
Cheira à noir
Em Cabo Frio.

Na nuca, corre
Um arrepio
Que morre no mar
Mas não acaba nunca.

No bar,
Copos cheios
A encharcar
Corpos vazios...

Depois de um copo
Tem sempre outro copo.
Depois de um corpo
Tem sempre outro corpo.

Aqui dentro queima
Um fogo inextinguível,
A devorar
Copos e corpos.

A consumir
Ares e mares,
Dias e noites
Realidades e sonhos.

A sumir
Comigo,
De mim.

Érro.

Procurando tanto
Não sei o que.
Abrindo o manto
De tudo o que
Não se vê,
Para ver nada.

E pelas esquinas,
Atravessando fachadas,
O vento travesso
Balança os vestidos
Das meninas.

Tanto tempo
A tentar tanto...

Óh ventilador,
Me ensina a fazer
Vento!

Ó ventilador,
Me ensina
A voar!



Proximidades da praça São Benedito - Cabo Frio / RJ

XIX

A vez do vingador mascarado (10/10/2016)

“Vamos fazer uma peça!”, disse Jiddu Saldanha, meu professor de teatro e também meu terapeuta. Ao longo do processo terapêutico, ele sugeriu que eu montasse e encenasse uma peça teatral.

Assim nasceu “O Poeta e suas Máscaras” que, foi encenado duas vezes em 2016. Uma vez na escola onde trabalhava e outra vez num festival de teatro no Teatro Municipal. A peça reunia a declamação de três poemas deste livro (Profissão de Fé, O Segredo do Ventilador e A Vez do Vingador Mascarado, o próximo texto), junto com uma mise-en-scène que o Jiddu e eu ensaiamos juntos, nas sessões.

O Jiddu foi uma grande figura para mim naquele ano. Mentor intelectual deste trabalho que ora ofereço, a cada poema que eu escrevia e mostrava, ele reagia com muito entusiasmo e me incentivava a escrever mais.

O próximo texto foi uma sugestão direta dele. “Você tem de ser como o Zorro” e eu me vesti de Zorro no espetáculo.

Bons tempos esses em que encenei “O Poeta e suas Máscaras”. Na vez que apresentei na escola, quando fui tirar a espada de brinquedo da faixa que trazia na cintura, o movimento foi tão bruto por causa da empolgação que a lâmina da arma me escapou da empunhadura e voou para longe. A jornalista da escola, que tudo registrava, riu ao que eu respondi no final da peça: “Só tem graça se for de verdade, com risco e tudo...”.



Sou aquele da flauta quebrada.
Aquele vítima do próprio assalto.
Aquele descalço a andar no asfalto
Em um dia quente.

Eu...

Que com minha gentileza
Tenho esperado em vão
suavisar minha sina.

Que tenho oferecido
A outra face, só
Pra apanhar mais uma vez
De qualquer menina.

Eu, que sou corcunda,
Encurvado pelo peso da vida.
Que vivo a olhar pra baixo,
Sempre com a cabeça nas nuvens.

Eu, que nasci mártir
Sem ter pedido.

Que perdido do escárnio
Tenho Ascendente,
Vênus, Saturno e Marte
Tudo em Capricórnio.

Eu que estudei Física
E não vejo estrelas no meu céu.

Eu que só transo
Palavras no papel,

Que corro pra casa,
E no lugar
De uma mulher gostosa,
Espera-me meu caderno
De prosas.

Eu, que morto de fome
Vivo a servir banquetes.
Que ando a segurar velas
A amores defuntos.
Que morro de pau duro
Todas as noites,
Em todos os trucos.

Eu, que tenho pegado
Carona na boléia de Caronte
- O barqueiro dos mortos -
Sem ter, ao menos, uma
Moeda para dar.

Que tenho descascado batatas
Na cozinha de Hades
E sou fervido com elas
No caldeirão.
E sou servido com elas
No bandeirão

Eu que adoro um romance,
Tenho amargado
Cem anos de solidão.
Tenho pintado a vida
Com mil tons de cinza.
Sem crime,
Tenho recebido castigo
Em mais uma temporada
No inferno.

Minhas mil e uma noites
São de sono.
E na Terra do Nunca
Só o não eterno:

“Nunca mergulharás
No mar do amor”
“Nunca encontrarás alguém
Que te entenda”
“Nunca serás correspondido”

Nunca
Nunca
Nunca...

Eu, a querer-me explodir
Por inteiro,
Só envolvido em pilha
Meia-Bomba.

Eu, que sinto a necessidade
Imperiosa de me pirar,
Mas ando como quem tomba
Nos escrúpulos
E na conveniência.

Eu que não aprendi
Nada de convivência
Na escola,
Tenho que sorrir
A toda a gente.

E sorrio!

Mas chegou a hora
Da minha vingança!
Chegou a hora
De espetar o rabo da vida!
Chegou a hora
De entrar na dança!

De roubar a Musa
À força!

Eu, que nunca deixo
O fracasso subir-me a cabeça,
Sou invencível.
Sou como o vento invernal.
Avanço,
De derrota em derrota,
Até a vitória final!

Eu, que aprendi a perder na vida
Desfiro aqui e agora
Meu golpe fatal,
Para ganhar o público!

Tucheeee!!



XX

Trilogia guerreira

(14/10/2016)

Éris, a deusa da discórdia, é uma figura soturna e mal vista na mitologia grega. Filha do Érebo, só é procurada pelos olímpianos quando seus serviços funestos se fazem necessários. Mas ninguém se lembra dela quando o tempo é de festa e de deleite.

E assim aconteceu na boda de Peleu, um mortal, e Tétis, uma das cinquenta filhas de Nereu, deus marinho. O centauro Quíron, o anfitrião da festa convidou os nobres, deuses e humanos, mas de Éris se esqueceu. Despeitada, ela apareceu assim mesmo na festa. Invisível atrás de uma névum, deixou cair entre os convivas uma maçã de ouro perfeita, com a inscrição “À mais bela”. Eis o famoso pomo da discórdia.

“Se é para a mais bela, é para mim”, pensou o mulhério presente e no final, três candidatas de peso reclamaram o prêmio. Hera, a rainha. Atena, a deusa guerreira e Afrodite, a deusa do amor.

Zeus não quis decidir a parada pois, além de ser uma disputa familiar, sabia que agradaria a escolhida, mas ganharia o desafeto das duas perdedoras. Ele resolveu que, quem iria julgar a questão seria Páris, príncipe de Tróia que vivia como um simples pastor nas colinas do monte Ida.

As três deusas se apresentaram ao venturoso infeliz, cada uma com uma promessa: “Te farei o maior rei da Ásia, se me escolheres” disse Hera. “Te darei o maior exército” disse Atena. “Te darei o amor da mais bela mulher do mundo, Helena”, disse Afrodite. E como a promessa desta terceira não era genérica, mas tinha um nome, foi a escolhida.

Acontece que Helena tinha marido. Menelau, rei de Esparta.

Quando Páris rapta Helena, está ensejada a mais famosa guerra de todos os tempos! E tudo isto pelo despeito de uma mulher!

Já Calíope, uma das nove filhas de Zeus com Mnemosine, era a musa da poesia.

E se Éris e Calíope encontrassem um jovem poeta, o que diriam?

Os deixo com o texto que se segue...



I – Batismo de Fogo

A Musa em mim
Está mudada.
Agora vejo não uma,
Mas duas figuras
No fim da estrada,
A andarem juntas.

De mãos dadas,
Orquestram incêndios.

Uma traz a lira pluricórdia.
O fruto da discórdia,
Traz a outra.

- Dourada maçã
Manchada a escarlata -

O véu de Éris
Goteja sangue
Fervente
Na branca lã
De sua veste.

É assim há eras...

E de repente
Uma serpente-fera
Que lhe orna
A cabeça, fala:

“Deixa a flauta doce, poeta.
Abandona o delirante arco.
Hoje nascerás de novo.

Daqui para frente
Serás belicoso coreuta
De palavras de cerco!”

Sua voz monocórdia
Petrifica-me por encanto.
Enquanto, sem misericórdia,
Éris me unge o canto
Da boca com o dedo
Quente e ensanguentado.

O tempo para.

Sinto um comichão
Indesejado.
Sinto a tampa
De um caixão
A fechar
E fechado,
Já me vem um nó
A embaralhar-me
As tripas.
A derrubar-me no chão
Sem dó,
Num morrer
Sem morte ainda.

Sinto a pele a pegar fogo
Por cima da carne fria.

E como num jogo
Macabro ou num desatino
Raivoso de um chão
A caçar o próprio rabo.

Procuro meu velho eu
Que desvanesce em cinza,
Enquanto já me morde
O novo eu que surge,
Que ruge e que fica.

Áh, parir uma ave canóra
E dançarina
De um lábaro brilhante,
Esquecido da hora,
Vermelho bonina!

“Voa veloz
Fênix de ouro!

Que tua voz
Fervente
Rache o couro
De muita gente
Dura e ferina.”

Foram estes os votos
Retumbantes
De Éris menina.

Para além do interesse vil
Que a tudo corrompe,
Neste parto de mim,
De um lance
Ergo a fronte
A fitar Calíope.

Ela tudo viu.
Ela não teme
A chama faminta.
Ela também me fita
E me chama.

E o vento sussurra
Do Além:

“Prepara-te para a guerra!”

II – Palavras de Cerco (Ou A Mensagem de Éris)

A deusa perversa
Apenas o sorriso
Esboça.
Enquanto deixa
A serpe em friso
Que traz no lugar
Da madeixa,
Me dar uma coça:

“Levanta-te poeta
Escarlate!

Eis que te ponho
Uma nova meta
Bisonha.

Um sonho esquecido
De quem sonha.

A poesia em linha reta
Que guerrilha faz,
À cabeça cozida
Que deita na fronha
Toda noite
Em busca de paz.

Paz é o cacete!
Dirás!

Deves cantar
Como quem grita,
A esta gente
Cheia de macete
E de tédio,
Que, viciada em consumo,
Enche a cara de remédio,
Pois só pode
Remediar a vida
Que não sabe
Mais viver...

A maioria de nós
É apenas vivido
Pela vida...

Considera isto poeta!

Sopra então
Tua buzina!

Que ela sacuda e abale
O automatismo
De quem esqueceu
Que a vida
É um baile.

Que ela rua
Todos os alicerces
Da comodidade
Desta gente
Viva-morta
Que anda a andar na rua
Aos tropeções
De pernas tortas.

Como um Arquimedes
Alucinado
À luz da lua,

Construa
Máquinas de guerra!

Trabucos pesados,
Bate-Estacas,
Catapultas,
Balistas...

E não se esqueça
De colocar na lista
Deste cerco de ameaça,
O ariete da dúvida,
A derrubar
As muralhas do comum.

Force por baixo,
Mas tome terreno
Também pelo alto.

Use flechas com veneno.
Fabrique torres de assalto,
A vomitar na cara
Da Ordem,
Soldados altivos
A empunharem
Martelletes contusivos.

Cause dor
Quebre ossos!

Use bestas de setas agudas,
Afiadas ao ponto
De dividir ao meio
A bunda de uma mosca.

Pra fazer brilhar denovo
Nossa mente fosca.
Pra fazer pensar denovo
Nossa cabeça oca.

Pra sujar a realidade
Novamente de estranho;
Com sangue vermelho vivo
Ao invés desse podre castanho
Que hoje,
Nos corre nas veias..."

III – Canto aos Esquecidos (Ou A Mensagem de Calíope)

As palavras
Da deusa
Batem forte
Como mais um
Vento quente
Vindo do norte
De lugar nenhum.

Com a buzina
Da Guerra
Nas mãos
Viro-me a sair,
A tomar
A primeira esquina
Para sacudir
A Terra.

Mas se a deusa
Cobra, cobra,
A Musa inspira.
E Calíope
Segura-me o pé.

Áh! Tão doce ela é.
Faço tudo
O que ela quer
A fundo.

Com o rosto
De quem ama,
Ela me fala:

“Escuta guerreiro,
Não te esqueças
De todos os esquecidos,
Abatidos
No terreiros batidos
Deste mundo.

Faça uma ode
Aos marginalizados.
Aos carregadores de podre
Muamba.
Aos que andam só
Em cima duma
Corda bamba.

Aos filhos de Ló
Que esgotam as cinzas
Do mundo.
Aos filhos da navalha.
Às vítimas
Da gente canalha
Que tudo quer.

Faça uma ode
De amor
Aos malamados,
Acabados
Em becos sujos.
Aos diferentes.
Aos não entendidos.
Aos caçados como bandidos
Sem deverem nada.

Aos vampiros
Da madrugada,
Aos amaldiçoados
Da gente de bem
Que xinga e que mata.
Que disparam tiros
De balas de prata
A quem não reconhecem
Como igual.

Como o cão que late
E guarda a noite
Canta poeta escarlate!

Canta!

E traga na voz
A dor de todos
Os desgraçados.

Que foram desgraçados
Por nós.
Que foram desprezados
Por vós
Que foram jogados
Numa ilha
De horrores!

Mas diga que
A Estrela deles
Ainda brilha
Cintilando cores
Deslumbrantes!

Diga que chegará
O Tempo
Em que o semelhante
E o diferente,
Que andam trocam
Socos odiosos,
Como quem erra.

Se reconhecerão
Como Irmãos
E Filhos venturosos
Da Mãe Terra!"



SOBRE O AUTOR

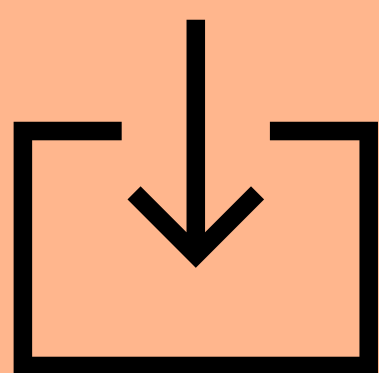
Henrique Selani Silva foi professor de Física no Instituto Federal Fluminense (IFF) Campus Cabo Frio (2013 – 2018), onde ministrava aulas para os níveis Médio, Técnico e Superior.

Lá desenvolveu os projetos:

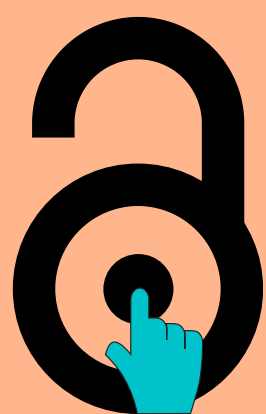
- 1) Produção audiovisual de experimentos científicos (O Mundo da Física),
- 2) Oficina de teatro e dramaturgia (IFFCENA)
- 3) Clube de Debates Regradados (C.D.D).

Em 2019 veio transferido para o Instituto Federal do Sudeste de Minas – Campus Santos Dumont. Atualmente estuda Filosofia e se interessa por questões da interface Ciências/Humanidades.

O leitor interessado poderá conferir os referidos trabalhos nos seguintes sítios eletrônicos:



1



2



3



Ficha Técnica

"Poesia Queimada de Sal"

AUTOR

Henrique Selani Silva

PINTURA DIGITAL DE CAPA

Yuri Vasconcellos

IMAGENS

Domínio Público

PROJETO GRÁFICO

Jiddu Saldanha



ISBN - 978-65-00-32468-6

